

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Hip Hop: uma ferramenta de desenvolvimento crítico da identidade racial e de gênero de jovens da zona leste de Belo Horizonte.**

**Maria Angélica de Barros Costa**

Belo Horizonte  
2015

MARIA ANGÉLICA DE BARROS COSTA

**Hip Hop: uma ferramenta de desenvolvimento crítico da identidade racial e de gênero de jovens da zona leste de Belo Horizonte.**

Análise Crítica da Prática Pedagógica do curso Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação Básica: Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero.  
Orientadora: Ana Amélia de Paula Laborne.

Belo Horizonte

2015

MARIA ANGÉLICA DE BARROS COSTA

**Hip Hop: uma ferramenta de desenvolvimento crítico da identidade racial e de gênero de jovens da zona leste de Belo Horizonte.**

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Ana Amélia de Paula Laborne – Faculdade de Educação da UFMG – Doutora em Educação

---

Symaira Poliana Nonato Faculdade de Educação da UFMG – Mestre em Educação

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Shirley Aparecida de Miranda, inicial orientadora desse projeto, que por motivo justo deixou a orientação, pelo incentivo e ensinamentos.

À doce professora Ana Amélia de Paula Laborne, por aceitar o desafio, pela paciência, ensinamentos e incentivos.

À minha amada mãe pelo carinho, pelo incentivo e principalmente pelos exemplos.

Ao meu querido pai que me ensinou acima de tudo a busca pelo conhecimento.

À minha irmã Maria Cristina pelo incentivo e pelo apoio técnico.

À minha irmã Maria Luísa, pelas discussões, críticas e revisões.

Ao meu irmão e camarada de luta Luís Fernando, pelas discussões, críticas, ideias, referências e revisões.

Aos meus amigos por compreenderem minhas ausências, em especial as Marianas Bizzotto e Roncato, pelas falhas injustificáveis.

À amiga Katy, também parceira de trabalho, pelas práticas compartilhadas, pelos bons resultados colhidos, garantindo assim um futuro digno aos nossos alunos.

Ao artista plástico Kleber de Moura por ceder o projeto "Autorretrato".

E principalmente aos queridos alunos sujeitos desse projeto, pelas colaborações, dedicações, empenhos e, também, amizade e carinho. Sem vocês nada seria possível.

***“A identidade não é algo inato. Ela se refere ao modo de ser no mundo e com os outros”.***

***Nilma Lino Gomes***

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o projeto de intervenção desenvolvido na Escola Municipal “Doutor Júlio Soares”, situada na zona leste de Belo Horizonte, o qual se apropria da cultura Hip Hop para desenvolver nos jovens a consciência a cerca de si mesmo, promovendo a autoestima e a autoconfiança. Bem como, construir nesses alunos uma identidade étnico-racial e de gênero. Buscando, ainda o reconhecimento e o combate aos preconceitos raciais, sexistas e sociais com os quais deparam cotidianamente. E ainda que esses jovens possam se reconhecer como sujeitos de direito. Para isso, foi utilizado como metodologia oficinas de grafite, dança e rap promovidas pelos próprios jovens.

**Palavras-chave:** Identidade racial. Identidade de gênero. Diferença. Hip hop. Autoimagem.

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

EF	Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
SEE-MG	Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais
PSE	Programa Saúde na Escola
SMED	Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte
EMDJS	Escola Municipal “Doutor Júlio Soares”
UMEI	Unidade Municipal de Educação Infantil
PBH	Prefeitura de Belo Horizonte

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2.</b>	<b>DISCUSSÃO DO PROBLEMA .....</b>	<b>16</b>
<b>3.</b>	<b>AÇÕES .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Seção de filmes .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2</b>	<b>Oficinas .....</b>	<b>20</b>
3.2.1	Oficina de grafite .....	21
3.1.2	Introdução às oficinas de RAP e Dança de Rua .....	21
3.2.2.1	<i>Oficina de Dança de Rua .....</i>	<i>22</i>
3.2.2.2	<i>Oficina Produção de Texto – Cartaz Criativo .....</i>	<i>22</i>
<b>4.</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>
<b>4.1</b>	<b>Aluno GB .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2</b>	<b>Aluna DI .....</b>	<b>23</b>
<b>4.3</b>	<b>Aluno GD .....</b>	<b>24</b>
<b>4.4</b>	<b>Aluna EB .....</b>	<b>24</b>
<b>4.5</b>	<b>Aluna ES .....</b>	<b>24</b>
<b>4.6</b>	<b>Depoimento da aluna KC .....</b>	<b>25</b>
<b>4.7</b>	<b>Análise das imagens .....</b>	<b>25</b>
<b>4.8</b>	<b>Alguns autorretratos .....</b>	<b>26</b>
<b>4.9</b>	<b>Os cartazes .....</b>	<b>33</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS CINEMOGRÁFICAS .....</b>	<b>36</b>
	<b>ANEXO 1 – Projeto Autorretrato .....</b>	<b>37</b>
	<b>ANEXO 2 – Letra dos RAP’s .....</b>	<b>41</b>
	<b>ANEXO 3 - Cartazes produzidos pelos alunos na oficina .....</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Minha vida docente teve início em uma pequena escola privada na cidade de Sabará, como professora regente do 3º ano do Ensino Fundamental, onde permaneci por seis meses, numa realidade bastante diferente do trabalho na rede pública. Paralelo a essa experiência comecei minha atuação como Especialista em Educação Básica numa escola de Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE- MG), na qual permaneço atualmente.

Meu trabalho na Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) teve início em meados de 2010 na Escola Municipal “Doutor Júlio Soares” (EMDJS). Junto do grupo de professores, buscamos proporcionar ao corpo discente e a comunidade escolar a consolidação das perspectivas propostas pela Secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED), na qual o estudante é o centro das prioridades, sujeitos atuantes de sua educação, cidadãos atuantes na sociedade, incluindo e convivendo com as diferenças. Posso dizer que essas diretrizes condizem com meus anseios, minhas convicções e projetos profissionais e acadêmicos.

Minhas práticas, centralizadas no aluno e em sua realidade, buscam a contextualização das disciplinas trabalhadas. Para tanto, sempre desenvolvo junto aos meus alunos um trabalho que busque o desenvolvimento de autoestima, socialização, construção crítica e cidadã aliadas ao desenvolvimento psicossocial e intelectual.

A comunidade em que está inserida a EMDJS localizada no bairro Granja de Freitas, regional Leste de Belo Horizonte, se desenvolveu em meio a intervenções sócio-políticas ao longo da década de 1980 até os dias atuais. Tais intervenções não contaram com adequado planejamento de uso e ocupação do solo, numa topografia pouco favorável onde se localizavam antigas propriedades rurais familiares. Porém, muita luta e resistência resultaram em conquistas dos moradores por melhorias na qualidade dos serviços básicos prestados à comunidade, como saúde, transporte, educação, moradia dentre outros, que atendam as demandas dos moradores da região. Mais recentemente observam-se grandes mudanças sociais e ambientais devido às ocupações urbanas desordenadas e à construção de conjuntos habitacionais através de políticas públicas de habitação do município. Estes últimos foram construídos para abrigar famílias de baixa renda da própria regional, que estavam organizados nos ‘Núcleos dos Sem Casas’, por meio do Orçamento

Participativo da PBH de 1995 e 1998/1999. O conjunto recebeu famílias de várias regiões da cidade de Belo Horizonte que apresentavam baixa renda e baixa escolaridade.

O grande contingente de pessoas inseridas no bairro, nos mais de 350 apartamentos, 85 casas geminadas, 200 sobrados, e ainda, ocupações de áreas não construídas alterou a dinâmica sociocultural do 'Granja de Freitas', acarretando em conflitos entre os novos e antigos moradores, muitos deles residentes dos antigos sítios e chácaras. Além disso, novas demandas da população local são apresentadas, tais como na educação, com a chegada de um número maior de alunos, e na saúde, que não contava com posto de saúde no bairro, transporte coletivo nem água encanada. Bem como a dificuldade de acesso e carência na oferta de empregos. E ainda a violência urbana atraída pelo tráfico de drogas, assaltos, roubos, brigas, vandalismos e homicídios.

Os estudantes atendidos na EMDJS são oriundos de famílias de baixa renda, tendo, boa parte delas, a mulher como chefe de domicílio, ocupando profissões de doméstica, faxineira, costureira, gari e outras mais, desvalorizadas socialmente e financeiramente, e geralmente sem carteira assinada. Apresentam pouca escolarização, sendo que mais da metade não chegaram a concluir o ensino fundamental.

A EMDJS pertenceu a SEE-MG até o ano de 2009 e foi municipalizada no início do ano letivo de 2010. Até o encerramento do ano letivo de 2014, quando se desenvolveu o projeto, era composta por oito salas de aula, sala de informática, biblioteca, sala de intervenção pedagógica, sala de professores, secretaria, sala da direção, sala de PSE (Programa Saúde na Escola), cantina e uma pequena quadra poliesportiva. Atendia cerca de quatrocentos e cinquenta alunos do ensino fundamental de 1º e 2º ciclos, nos turnos da manhã e tarde, e aproximadamente noventa alunos da EJA de ensino fundamental no turno noturno.

Com base nas características da formação/constituição da comunidade do bairro Granja de Freitas e observando as relações interpessoais entre os estudantes e os demais sujeitos da comunidade escolar fica evidente a luta da comunidade por valorização e pelo que Fraser (2006) chama de reconhecimento. Principalmente das mulheres, em sua maioria negras, solteiras ou separadas, que encabeçam boa parte dos núcleos familiares do bairro e que formam braços de lutas por melhorias na

qualidade de vida de um modo geral. Mas que sofrem pela desvalorização evidente na sociedade atual e intensificada igualmente nessa comunidade.

Os jovens alunos levam para a escola os reflexos, por meio de discursos, da falta de valorização por pertencerem a um bairro de classe baixa. Assim como reproduzem as relações extraescolares de violência, violência simbólica e preconceito étnico racial e social. Sendo comum escutar relatos de brigas entre vizinhos, rixa de traficantes com tiroteios, bem como pessoas transitando armadas pelas ruas do bairro. Esses dados têm como base os relatos de um trabalho desenvolvidos com a turma do 5º ano no ano letivo de 2013 sobre as questões que eram desagradáveis para eles no bairro onde moram.

Compreendendo como jovem os alunos em questão com base na construção das relações que eles se interagem e vivenciam, seja na escola, seja na comunidade em que vivem. A formação dessa identidade jovem se dá por meio das interações socioculturais por eles vivenciados. Conforme Dayrell (2007, p.1110) “os jovens constituem culturas juvenis” que lhes dão uma identidade como jovens.

Porém, o que mais chama atenção está relacionado ao fato de estar arraigado o sentimento de inferioridade das pessoas da comunidade em relação aos demais cidadãos da cidade de Belo Horizonte, devido à posição social e principalmente com relação à classificação étnico-racial. Na turma do 4º ano do ano letivo de 2012, durante a realização de um trabalho de Arte, elaborado e cedido pelo artista plástico e arte-educador Kleber de Moura (anexo 1) em que o objetivo consistia na produção de um autorretrato, os jovens puderam retratar como se sentiam, boa parte dos alunos não retrataram fielmente suas características físicas. Em sua maioria os desenhos retratavam crianças loiras de cabelos lisos e olhos claros, contrastando com as características físicas dos jovens. Ao longo de um bate papo sobre a atividade e seus resultados o que se ouvia entre os alunos era que pareciam mais bonitos no desenho, e que se tivessem cabelos loiros e lisos seriam mais bem valorizados e aceitos na sociedade. O relato que mais evidenciou o preconceito étnico-racial sofrido por esses estudantes foi o desabafo de um dos meninos. O Aluno GB, que disse que gostaria de ser branco, pois desse modo teria todas as coisas que desejasse, ir a vários lugares que ele nunca foi e ser bonito como as pessoas da televisão.

Tal depoimento relata o que Munanga (2004, p.52) afirmou “num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de

quem é negro ou não”, e continua, afirmando que se autodeterminar negro numa sociedade que idealiza o ser branco, é um processo doloroso. Junto a isso, percebemos uma mídia branca, que veicula modelos, estereótipos, de cidadãos de bem – brancos, ricos. E que a posição de negros está relacionada a empregos/posição social inferiores ou a bandidagem. Essas representações evidenciam o conceito de que negro no país não tem caráter biológico e sim étnico-semântico, político e ideológico como discorre Munanga (2004). Essa realidade não se restringe a uma prática, ou mesmo em uma sala de aula da escola, faz parte do discurso dos alunos de um modo geral, e se repete na comunidade escolar.

Outro fato que merece destaque foram as críticas dos alunos a uma peça teatral apresentada na semana das crianças, encenada pelos professores em homenagem a elas. A peça tinha como personagens princesa, bruxa e príncipe, e muitos se espantaram e alguns ficaram indignados com o fato de o professor que representou o príncipe ser negro. O que se escutou foi: “Mas vai ser você quem vai ser o príncipe?”; “Você não tem cara de príncipe!”; “Você não é loiro!”; “Você não tem cara de príncipe, não!”; “Mas você é..., assim...!?” fazendo menção à cor do professor. Falas estas de grande número de estudantes questionando antes mesmo da atuação do professor/ator. A maioria deles reproduz estereótipos construídos do homem de bem, sendo ele, branco, loiro, de olhos claros, alto, forte, gentil, honesto, corajoso.

Nota-se também a utilização do discurso da existência de uma democracia racial brasileira quando não conseguem definir as diferenças étnicas presentes nesta sociedade. Outro argumento se assenta na crença de que as oportunidades estão relacionadas às carências ou falta de competências pessoais e não à desigualdades sociais e raciais. Essa argumentação vai ao encontro de uma perspectiva que coloca a escola como lugar apenas de passagem, não transformadora da realidade, havendo, no entanto, um consenso de que a condição social dos alunos é que conduzem suas expectativas e definem as perspectivas e projetos de vida futuro. Contudo as famílias dos alunos, em sua maioria, veem e almejam da escola um futuro mais digno para seus filhos. Porém as expectativas de continuidade de estudos, inserção no mercado de trabalho, tornam-se mais distantes uma vez que a EMDJS oferecia apenas os primeiros ciclos do Ensino Fundamental (EF), o Ensino Médio (EM) torna-se ainda mais distante, tornando-se oneroso para as famílias. Uma vez que o bairro não conta com escolas de EM, e para que o aluno

frequente uma escola desse ciclo a família tem que arcar com custo de passagens, por exemplo.

Nos relatos espontâneos dos estudantes a respeito do preconceito sofrido observa-se que a imposição de determinados padrões de beleza, conduta e padrão sociais ditados, sobretudo pelas diferentes mídias, sujeitam estes indivíduos à exclusão social. Observa-se entre a comunidade um traquejo social em seu meio, a escola, o bairro; e longe dele certo acanhamento em sua socialização. Uma hipótese para esse comportamento diferenciado poderia ser que o preconceito acaba por criar barreiras invisíveis e, em alguns casos intransponíveis, no íntimo das pessoas que as levam a estagnação, interferindo em seu crescimento pessoal, intelectual e profissional.

Percebe-se também a desvalorização de pessoas de baixa renda em livros didáticos das diversas disciplinas, que retratam as moradias, os bairros, as pessoas e seus modos de vida e cultura próprios da periferia, aglomerados, favelas, palafitas como alienígenas da sociedade. Fazendo referência às pessoas feitas desiguais socialmente sempre na terceira pessoa com distanciamento do leitor que é tratado na primeira pessoa, inculcando a mentalidade de que o conhecimento está restrito a uma gleba da sociedade favorecida economicamente, reproduzindo a ideia de que o reconhecimento não se dá devido às carências pessoais, ou seja, estando elas predestinadas à ocupação das classes inferiores da sociedade. Essas representações podem causar um distanciamento dos alunos do sistema de ensino que ao invés de incluir, sem distinção étnico-racial e de gênero, aumentando o abismo social existente na nossa sociedade.

Nessa perspectiva de socialização “ilhada” destes indivíduos surgem manifestações culturais próprias de seu espaço, sendo estas igualmente discriminadas e marginalizadas apesar de muitas destas manifestações como congado, folias de reis, rodas de samba, pagode, rodas de capoeira, hip hop, funk, terem por base o protesto e a denúncia contra a discriminação étnico-racial, exclusão, desigualdade social e de gênero. Cruelmente em contraponto às suas origens, tais manifestações culturais e sociais são facilmente manipuladas pelas mídias que se apropriam destas expressões culturais e impõem um projeto contrário ao seu propósito, como de impor a valorização dos bens materiais, a ostentação, a erotização, ao “branqueamento”, influenciando desse modo, estilo, postura e comportamento das pessoas.

Veicula-se assim, que para ser bom, acessível, agradável, “apresentável”, seguro, tem que atender aos padrões estéticos da beleza europeia, estar bem vestido, ou seja, estar dentro da moda usando roupas de grife, cabelos lisos, e ainda, no caso dos homens, ostentar uma bela mulher de corpo malhado. Por trás de toda esta ostentação, no entanto, não ocorrem mudanças estruturais e substanciais na realidade de grande contingente da população étnica e socialmente à margem da sociedade.

Entretanto a mais árdua tarefa é trazer à tona a temática de modo a quebrar paradigmas como a democracia racial, o branqueamento, de que a condição étnica-racial e de gênero não se relacionam intimamente com a condição socioeconômica. Assim, fica a questão: como potencializar as culturas e práticas cotidianas desses sujeitos, promovendo a inclusão cidadã? E a escola, pensada como um dos veículos de promoção da igualdade de gênero e étnico-racial, como se comporta diante dessas questões?

Partindo dessa realidade e da premissa da construção de uma consciência acerca de si mesmo. Seja por meio da construção de uma autoimagem positiva, seja pelo vislumbramento das possibilidades de conquistas de direitos, o presente plano de ação visou implementar ações pedagógicas que possibilitasse, por meio da cultura hip hop, o reconhecimento e o combate ao preconceito étnico-racial, de gênero e social. Priorizamos desenvolver a atuação dos estudantes, de forma crítica, frente a essas situações, bem como possibilitar a construção de uma autoimagem positiva ao desenvolvimento para um futuro próspero.

Por meio dessas ações pedagógicas a serem desenvolvidas espera-se que os estudantes possam conhecer os conceitos de raça, gênero, diferença, preconceito, discriminação, igualdade, e participação social. Compreendendo o significado e as formas de combate ao mito da democracia racial, além de reconhecer o que é racismo e sexismo, identificando as situações de preconceito e discriminação dentro e fora da escola. O objetivo é que, dessa forma, saibam agir criticamente frente às situações de preconceito e discriminação.

Entendemos que caracterizar a cultura hip hop como braço dessa luta, valorizando a expressão cultural local como forma de combate ao racismo, sexismo e discriminação social, é fundamental para o fortalecimento do

grupo. Ao mesmo tempo, buscamos envolver família e comunidade nas discussões e nas ações. Desse modo, os estudantes puderam se perceber como sujeitos de direito, desenvolvendo a autoestima, a autoconfiança e o respeito próprio e pelo outro.

## 2. DISCUSSÃO DO PROBLEMA

Com base na comunidade na qual a EMDJS está inserida, suas particularidades e demandas, percebe-se que não podemos discutir e trabalhar exclusivamente a questão étnico racial que perpassa nas relações pessoais dentro e fora da escola. A figura da mulher, embora sempre presente nessa comunidade, se apresenta de maneira estereotipada, não tendo seu devido reconhecimento e respeito, necessitando de ser discutida. Bem como, entendemos a necessidade de construir o conceito de sujeito de direito nos alunos. Buscamos, assim, desenvolver a autoestima desses sujeitos por meio do reconhecimento de sua autoimagem positiva.

O Hip Hop constituído de artes visuais: *grafitti*; dança: *breakdance*; performance: Djs e música: RAP (ritmo e poesia, sigla em inglês), teve sua origem nas ruas de Nova Iorque nos anos de 1970. Chegou ao Brasil no início da década de 1980, com objetivos de crítica social, com letras de protestos e atentas às demandas sociais. Além disso, o hip hop tem como objetivo resgatar e reinterpretar a história da diáspora negra veiculada e leva o estudante a reconhecer-se nos novos heróis (WELLER, 2004). Busca ainda, vencer preconceitos por meio de estratégias próprias, como por exemplo, a dominação de espaços, ora por meio do grafite ora na tomada de espaços para festas com os famosos duelos de *MC's* e as disputas de *b-boys* ou *b-girls*.

Pensar numa intervenção que despertasse o interesse de crianças e adolescentes tendo influência e atuação na tomada de consciências dos envolvidos e, ainda, considerando a realidade sociocultural do bairro Granja de Freitas e tais demandas, o hip hop, enquanto uma atividade cotidiana nas vidas dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar se mostrou uma ferramenta útil, uma vez que seus fundamentos históricos propiciam, tanto o prazer e reconhecimento dos alunos, quanto princípios como a valorização e a voz/canto de luta frente às demandas encontradas na escola, no bairro. Acreditamos, dessa forma, que esse plano de ação poderia promover a conscientização frente a discriminação racial e de gênero e proporcionar o enfrentamento de tal situação.

(...) o foco de análise da práxis musical e artística do hip hop, não é a interpretação da música e do seu sentido expressivo, mas, sobretudo, a compreensão das visões de mundo ou orientações coletivas a partir da articulação desses jovens no movimento. (WELLER, p.5, 2004).

Por meio das partes que compõe o hip hop: grafite, dança de rua e rap, esse plano de ação teve por objetivo envolver os estudantes levando-os a conscientização da realidade na qual estão inseridos e potencializando sua atuação crítica frente às discriminações e desmandos por eles sofridos. Desse modo, faz-se necessário a conceituação do que é raça, preconceito racial, preconceito de gênero e discriminação, além de realizar uma contextualização histórica do hip hop, bem como de seus alcances na sociedade. Acreditamos que os pressupostos/técnicas das artes constituintes do hip hop puderam proporcionar ao aluno apropriar-se da cultura hip hop diretamente.

O presente trabalho se mostrou relevante uma vez que a cultura hip hop, hoje por vezes apartada de suas origens, integra as culturas juvenis da periferia da cidade de Belo Horizonte. Permitindo aos jovens serem autores dessa realidade, seja nas artes, seja nas questões sociais que circundam o contexto no qual estão inseridos, permeado de preconceitos, racial e de gênero e suas possíveis discriminações.

Quanto à figura feminina no rap que muitas vezes se enquadra num padrão estigmatizado, fruto do machismo, como explicita Novaes (p.17, 2002):

Em resumo: ora justifica-se que as mulheres não estão presentes nas letras através das características da cultura de rua, porque seu mundo é outro; ora são objetos de crítica: aquelas que estão no caminho errado, tal qual os policiais e traficantes; ora a questão está na dominação masculina interiorizada nas próprias meninas que não se sentem no direito de estar.

Porém, é possível e necessário reverter tal perspectiva acerca da mulher, sobretudo negra, por meio do desenvolvimento da autonomia feminina e da valorização social da condição feminina.

### 3. AÇÕES

#### 3.1 Seção de filmes

Como forma de introdução do hip hop como manifestação de luta e resistência frente aos preconceitos e discriminações, foi promovida uma seção de filmes. Foram escolhidos os filmes “Ela dança eu danço”, volumes um (1) ao quatro (4), selecionados pelo tema e pela faixa etária. Tivemos como objetivo identificar os elementos do hip hop: dança de rua, rap, e grafite, e exemplos destes como forma de resistência e afirmação frente às questões de preconceito e discriminação.

Após cada seção foi desenvolvido um debate em sala de aula a cerca de preconceito racial, social, de gênero, bem como as discriminações deles provenientes. Discutimos ainda as facetas midiáticas muito presentes nos filmes hollywoodianos, com tentativas de “embranquecimento” da cultura hip hop. Nesses debates surgiram diversos depoimentos, ora acontecimentos com os próprios alunos, ora com parentes ou pessoa próximas a eles. Porém, ficou em evidência que os estudantes mesmo vivenciando tais circunstâncias, às vezes não sabem reconhecê-las. Na maioria das vezes nem percebem que as situações como discriminação, retrato de como essas questões estão arraigadas em nossa sociedade, assim como o mito da democracia racial.

Em um dos relatos, um aluno mencionou que trabalhava como aprendiz aos fins de semana em uma rede de *fast food*, num shopping da região leste da cidade de Belo Horizonte. Num certo dia um segurança do estabelecimento o seguiu quando ele estava indo em direção à praça de alimentação do recinto, nesse momento foi abordado rudemente. Segundo o aluno, que é um jovem tranquilo e cordial, ele não reagiu à abordagem e ouviu o segurança e só respondeu-lhe o que lhe era perguntado, seguindo em direção ao trabalho. Dias depois foi dispensado do serviço. O aluno não viu ali preconceito ou discriminação, pois para ele o dono da loja somente não queria, em suas palavras, “encrenca”.

Pensando nos relatos dos estudantes, nas situações cotidianas que enfrentam, foram pensadas e desenvolvidas oficinas de grafite, dança e rap. Para tal, foi preciso uma metodologia que envolvesse os alunos não só na

prática, mas no processo e, principalmente, na apropriação da cultura em questão. Foi então que as oficinas ministradas por eles próprios ganharam espaço. Além de envolvê-los no processo tal ação produziria nos alunos oficinairos um sentimento de autoconfiança, respeito próprio, afirmação e resistência frente às situações. Dessa forma, evidencia que a cultura hip hop, nasce, cresce e se desenvolve no povo da periferia e para o povo da periferia tendo como objetivo a resistência.

Como os estudantes que participaram das oficinas não apresentaram, até o fechamento desse texto, a autorização de seus respectivos responsáveis para divulgação de seus nomes, ficou decidido, então, após conversa com os mesmos, que esses seriam aqui designados por suas iniciais.

Inicialmente foram programadas três tipos de oficinas: RAP, dança e grafite, porém a oficina de RAP teve apenas sua fase introdutória, que foi a mesma da oficina de dança. O aluno CD, responsável pela oficina, se ausentou frequentemente das aulas para esclarecer, junto à direção/coordenação da escola, suas posturas indisciplinadas em aulas de outros professores e/ou no pátio no horário do recreio ou da escola integrada, inviabilizando, portanto a execução da mesma.

Para a oficina de grafite foram selecionados alunos que tinha experiência em desenho livre e grafite. Priorizamos também a participação de alunos vitimizados pelo preconceito e reféns, muitas vezes, de discriminações veladas. Sendo então escolhidos dois alunos, GD e GB e uma aluna DI. O aluno GD, autor do relato citado anteriormente, de família simples, com dificuldades financeiras e de aprendizagem, já busca contribuir com o orçamento doméstico. Já GB vítima de violência doméstica, viveu por um período da sua vida num abrigo para menores na capital mineira. Retornou para o convívio junto da família após os pais, alcólatras, se reabilitarem. A aluna DI, que vive com a mãe, irmãs e padrasto que, mesmo a estudante o considerando e respeitando como pai, a impede de identificar-se como sua filha.

As alunas selecionadas para a oficina de dança apresentam habilidades que as destacam na dança. KC, EB e ES enfrentam realidades semelhantes aos demais selecionados. A aluna EB apresenta uma dura

realidade em que a mãe, ao se casar, omitiu ao marido a maternidade da mesma, apresentando o filho mais novo como único filho ao cônjuge. Já KC, depois de ter sido molestada pelo padrasto, desacreditada pela mãe, foi morar como o pai, que trabalha em turnos alternados, enfrentando enorme dificuldade para criar os filhos, não sendo, portanto, presente no cotidiano e nem na vida escolar. Os pais de ES vieram da Bahia em busca de qualidade de vida e se alojaram na periferia da cidade de Sabará, próximo a Belo Horizonte. Embora estude numa escola da capital por ser a mais próxima de sua casa, não consegue atendimento médico no posto de saúde, nem encaminhamento para uma especialidade médica. A aluna tem o que popularmente chamamos de língua presa, e essa característica física interfere no desenvolvimento ortográfico da mesma. Como professora da aluna, encaminhei um relatório à coordenação da escola, a fim de buscar atendimento fonoaudiólogo especializado, porém, o limite geográfico da moradia da estudante dificulta o encaminhamento.

O aluno CD, responsável pela oficina de rap, enfrenta dificuldade fora e dentro da escola. O pai está preso por envolvimento com tráfico de drogas e a mãe não tem emprego fixo, sobrevivendo e sustentando os filhos com subempregos. O aluno vende balas nos fins de semana para complementar renda. Além disso, ele é o responsável pelas demandas da casa e da família nos momentos em que a mãe está trabalhando. Além de colaborar nas tarefas domésticas, é o responsável por levar e buscar os irmãos para a escola, uma vez que o irmão dois anos mais novo estuda na mesma escola, porém, no turno vespertino e a irmã na UMEI – Granja de Freitas.

### **3.2 Oficinas**

Para dar início as oficinas, foi promovida uma reunião com os alunos selecionados, onde receberam a orientação acerca de planejamento e organização das ações que seriam desenvolvidas durante as oficinas. Foram conversados pontos sobre a seleção de materiais necessários, de técnicas e apresentação dos resultados.

### 3.2.1 Oficina de grafite

Os alunos DI, GB e GD iniciaram a oficina se apresentando, conversando sobre como o desenho entrou e como faz parte de suas vidas. Relataram ainda o que significou e significa o grafite para eles e quais as implicações deste para suas realidades.

As oficinas foram divididas em quatro partes. No primeiro momento os alunos oficinairos apresentaram aos colegas técnicas diversas de grafite e um pouco da história do grafite. Na segunda oficina, foram desenvolvidas técnicas de traçado de letras e desenhos, gabaritos e estêncil de imagens e letras, técnica de 3D. A terceira oficina teve como tema a coloração/pintura, colorido, cores afins e contraste, sombreamento, e materiais dessa natureza. Na última oficina, desenvolveram uma atividade prática, em que os alunos escolheram um tipo de letra e, usando lápis e lápis de cor, fizeram um grafite com o próprio nome. Dando continuidade a essa oficina, os alunos se auto-desenharam como grafiteiros e mostraram seus anseios, ou seja, mostraram seus gostos, seus sonhos, mostraram o que pensam ou simplesmente se retrataram. Para isso, utilizando as técnicas aprendidas com os colegas. Com esse material, então, foi construído um painel com os grafites e os autorretratos, e exposto na feira de cultura da escola.

### 3.2.2 Introdução às oficinas de RAP e Dança de Rua

Os alunos CD, EB, ES e KC, em reunião com a professora, pré-selecionaram alguns raps nacionais (anexo 2), a saber: 'Homem na estrada' e 'Periferia é periferia (em qualquer lugar)' – Racionais MC's, 'Brasil com P' – Gog, 'Terra Vermelha' – Brô MC's, 'Rap do Silva' – Bob Run, para serem trabalhados nas oficinas, tanto de rap quando na oficina de dança de rua. As letras foram reproduzidas para os alunos da classe e, com apoio dos monitores de informática da escola, as músicas foram gravadas num CD-ROM.

Dando início a oficina, os alunos distribuíram as letras e apresentaram as musica em áudio aos colegas. Cantaram conjuntamente as músicas e

discutiram as letras. Apontaram questões sociais evidenciadas nas músicas e recorrentes na comunidade em que vivem.

### *3.2.2.1 Oficina de Dança de Rua*

As alunas EB, ES e KC, após escutarem e se apropriarem das músicas pré-selecionadas, junto com os demais alunos da sala, desenvolveram com os passos de danças do rap e do funk, ritmo e disposição espacial. Ensaïaram todos os dias ao término do turno, durante o intervalo do almoço, antes do início das aulas da Escola Integrada da qual fazem parte. Além de apresentar a moda hip hop no recreio da escola, socializando, desse modo, a oficina a alunos de outras salas. As alunas organizaram uma apresentação para o dia da feira de cultura, porém não foi possível acontecer por questões técnicas de áudio no dia do evento.

### *3.2.2.2 Oficina Produção de Texto – Cartaz Criativo*

Muitos foram os percalços dessa rica trajetória, contudo maiores foram os ensinamentos e, principalmente, os aprendizados. Dessa forma, tanto para a professora, quanto para os alunos, houve uma necessidade de fechar, concluir, explicitar, exaltar todos os conhecimentos, discussões, impressões e possibilidades que esse trabalho permitiu para ambas as partes. Para tanto, a professora viu nas oficinas de grafite e discussões ocorridas em sala a possibilidade de explicitar o conhecimento construído nessa experiência aos demais sujeitos da comunidade escolar. Apropriando-se da linguagem direta de cartazes, e dos vários debates e discussões em sala, seja nas subsequências aos filmes expostos, seja após as situações polêmicas ou de preconceito e com o advento do dia da Consciência Negra, 20 de Novembro, os alunos, utilizando das técnicas aprendidas, produziram cartazes destacando o combate ao preconceito racial.

Com base nos conhecimentos adquiridos ao longo do ano os alunos construíram um esboço do cartaz em folha A4. Após análise e discussão construíram o cartaz artesanalmente e este foi então exposto na feira de cultura da escola.

## **4. RESULTADOS**

Antes de apresentar alguns produtos desenvolvidos durante as oficinas, faz-se relevante expor minimamente a trajetória dos alunos oficinairos e dos estudantes que participaram das mesmas. Entendemos que conhecer as experiências desses sujeitos nos colocam importantes questões para pensar as desigualdades sociais e raciais em sua interlocução com a instituição escolar.

### **4.1 Aluno GB**

Segundo ele começou a grafitar acerca de três anos quando via colegas pintando muros e postes do bairro. Desde então procurou aperfeiçoar seus desenhos e buscou um curso em uma instituição no bairro vizinho. Para o jovem, grafitar é uma forma de dizer o que pensa e sente. E ensinar, para ele, foi diferente, sendo difícil falar para todo mundo. Ao mesmo tempo, avalia como positiva a experiência.

### **4.2 Aluna DI**

A aluna sempre gostou de desenhar. Tem uma “tia” (patroa da mãe) que é artista plástica e que sempre manda lápis de cor e de desenho, tintas, pincéis, papel. Gosta de ilustrar animais e meninas com roupas da moda. Começou a grafitar com os colegas da escola na Escola Integrada, mas a mãe não gosta que ela fique na rua. Além disso, tem como uma de suas tarefas “olhar” as irmãs mais novas. O grafite é uma forma de mostrar seus desenhos para todos. E “dar a aula” foi, para a aluna, trabalhoso. Orientada pela “tia”, escreveu o que iria dizer, estudou e treinou o que falar. Percebeu que lidar com a conversa dos alunos é muito chato. Porém achou gostoso e legal “dar aula”, sentiu que pode fazer o que quiser desde que se prepare para isso.

### **4.3 Aluno GD**

O estudante grafita há muito tempo, mas não soube dizer a quanto tempo. Aprendeu com os irmãos mais velhos, e como desenha muito bem, a mãe o matriculou num curso no centro da cidade, que, enfaticamente afirma, vai sozinho, duas tardes por semana. Grafitar para ele é sua vida, é como se ele gritasse para o mundo. Disse que ficou nervoso, mas “dar aula” foi legal, se sentiu valorizado ao ensinar aos colegas e conseguir responder o que eles perguntavam.

Nesse ponto, destacamos também alguns elementos trazidos pelo grupo de alunos que participou das oficinas de grafite acerca da experiência de ter um colega educador:

Para os estudantes ter os colegas com o “fessor” foi ‘muito legal’, bom e divertido. E mostrou, para eles, como é possível ser qualquer coisa. Boa parte nunca tinha pensado em ter os colegas como professores e que aprenderam muitas coisas e se sentiram a vontade, sem ter vergonha de perguntar e serem “zoados”. Não faziam ideia que grafite era uma forma de expressão das ideias e formas de pensar. Um dos alunos já havia ajudado um colega num grafite, mas não tinha visto nenhum sentido naquilo, porém agora passou a ver o grafite com outros olhos. Com isso, eles perceberam que dizer o que pensa e correr atrás dos sonhos faz deles realidade.

### **4.4 Aluna EB**

Como a aluna em casa passa o tempo lendo ou assistindo televisão, dançar para ela era uma simples, mas muito prazerosa atividade. E agora mais do que nunca, sabendo que essa é uma forma de se expressar, dançar ganhou um novo sentido. Vai de agora em diante sempre pensar nesse ponto na hora se apresentar.

### **4.5 Aluna ES**

Para a aluna a dança não passava de uma brincadeira e de uma forma de se divertir. Achou interessante a ideia de transmitir uma mensagem pela dança. A partir de agora vai sempre se lembrar da dança como forma de expressão.

#### **4.6 Depoimento da aluna KC**

Segundo a aluna, que se declara uma pessoa muito tímida, sempre teve muita vergonha de dançar em público, pela vergonha do que as pessoas pensariam dela. Porém compreendeu que de fato as pessoas vão sempre pensar alguma coisa dela, seja ela dançando ou não, mas que com a dança ela pode até dizer alguma coisa que ninguém quer escutar.

Depoimento de alunos que participaram das oficinas acerca da experiência de ter um colega como educador na oficina de dança de rua:

“Pra mim, dançar era coisa de menina, agora, com tudo isso, dá até pra dançar” disse um dos meninos, que se mostrou entusiasmado com a dança. Para algumas alunas dançar era muito difícil, segundo elas não conseguiam decorar os passos, porém estudando a letra, entendendo o sentido das músicas ficou mais fácil compreender os passos, a coreografia. Para todos aprender com as colegas foi tarefa fácil e divertida.

#### **4.7 Análise das imagens**

A atividade em que os alunos construíram sua autoimagem como grafiteiros foi propositalmente direcionada a fim de se comparar como uma atividade anteriormente realizada no ano de 2012 com estes alunos numa aula de Artes (anexo 1). Esse trabalho, proposto em 2012, tinha como objetivo a construção da identidade de cada um. Porém, como é possível perceber, a representação que eles apresentavam não era condizente com a percepção social da raça desses jovens. Não existia ao menos a ideia de pertencimento a um determinado grupo: seja social, racial ou de gênero. Nem mesmo o fator cultural local exercia alguma influência. Embora ainda se note traços nada semelhantes a eles, muitas são as diferenças dos primeiros para

os últimos desenhos. A principal diferença está na cor dos cabelos que deixaram de ser amarelo, que faziam menção ao louro, não condizente à realidade desses jovens, para tons de marrom e preto representando os cabelos castanhos, naturais dos alunos. Não podemos deixar de observar a cor da pele dos desenhos, embora seja difícil obter tonalidades de pele com lápis de cor comumente usados na escola, nota-se uma aproximação ao real tom de pele dos alunos, percebendo, desse modo, que começa a desenvolver uma identidade racial que considere a noção de pertencimento a um grupo étnico.

#### **4.8 Alguns autorretratos**

As figuras a seguir foram organizadas da seguinte forma, no primeiro plano os autorretratos produzidos pelo projeto “Autorretrato” de Kleber de Moura (anexo 1) no ano de 2012, e no segundo plano a autoimagem produzida na oficina de grafite, com base nas discussões que aconteceram em sala no ano letivo de 2014 que tiveram como temática, pertencimento étnico-racial, gênero, preconceitos, racismo e sexismo. Discutimos também a questão do sujeito de direitos, das formas de luta e conquistas pessoais e coletivas.



Figura 1 – Autorretrato e autoimagem da aluna KB  
Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 1 percebe-se uma grande variação do primeiro autorretrato para o segundo. No primeiro momento a aluna se retrata loira, cabelos lisos, olhos azuis, pele clara e sardas. Já na segunda ilustração nota-se uma mudança no tom, na textura dos cabelos e na cor da pele. Na primeira ilustração a estudante não se preocupa em ser fiel a suas características físicas, se representando do modo como considera ser bonita. Na segunda imagem busca ser fiel às suas características, sendo o desenho bastante semelhante à sua imagem real, na percepção da professora. Percebe-se,

portanto, que no primeiro momento a aluna reproduz a lógica midiática que inferioriza os sujeitos não brancos. Após as discussões em sala a fidelidade a suas características física presentes no desenho é um produto conquistado por meio de trabalho de conscientização e valorização de sua identidade, em empoderar os sujeitos, desenvolve neles uma autoestima positiva.

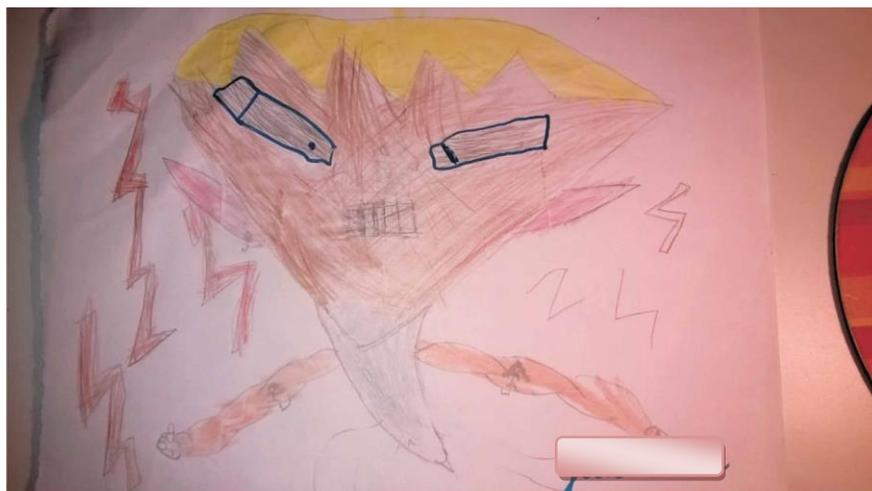


Figura 2 – Autorretrato e autoimagem do aluno JN  
Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 2 existem alguns pontos que merecem destaque, já que, embora a cor da pele se mantenha, a cor dos olhos e a cor e textura dos cabelos se apresentam bastante distinta. É possível perceber que os traços físicos do primeiro desenho, próprio de mangá<sup>1</sup> ganha formas mais reais, humanas, na segunda imagem. Assim como o cabelo que se enquadra ao perfil étnico depois representado pelo aluno. Sendo possível considerar que o trabalho com a temática diversidade leva a uma tomada de consciência por parte dos sujeitos, principalmente quanto ao reconhecimento e aceitação a cerca do seu pertencimento étnico. Passo relevante para a busca de posicionamento como sujeito de direito e a busca pela qualidade de vida.



Figura 3 – Autorretrato e autoimagem da aluna TC  
Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>1</sup> Mangá: .Gênero de .história em quadrinhos de origem japonesa. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/mang%C3%A1> [consultado em 30-03-2015].

O primeiro desenho da aluna TC, figura 3, bastante ingênuo, retrata uma menina branca, sem coloração de pele, e cabelos loiros. Em contrapartida, a imagem do segundo desenho com cabelos escuros, a pele que ganha tonalidade. Porém, é possível perceber a dificuldade de encontrar uma tonalidade que se assemelhasse ao seu real tom de pele. Popularmente foi imposto que a cor de pêssego, muito comum nas caixas de lápis de cor que encontram-se no mercado, é, equivocadamente, a cor de pele. Interessante observar como essa informação é ainda referendada por muitos professores no ambiente escolar. Desconstruir um conceito não é tarefa fácil. Algumas vezes discursos que são proferidos em nome da superação da desigualdade acabam por reforçar preconceitos arraigados em nossa sociedade. Para tanto, trabalhar as questões raciais, as diversidades, na escola faz-se necessário e urgente.



Figura 4 - Autorretrato e autoimagem do aluno HM  
Fonte: Arquivo pessoal

Na primeira ilustração, da figura 4, o aluno HM ignora a cor da pele, dando destaque aos cabelos, lisos e arrepiados, que comumente na sociedade é bem aceito. Já na segunda imagem o aluno deixa os cabelos de lado, até os tampa com um boné, e se representa como um homem forte, negro e feliz. Deixando em evidência que não precisa mais se esconder por traz dos cabelos lisos. Independente de sua cor, posição social o que vale na ilustração é que seu pertencimento étnico-racial só se torna um limite ao se esbarrar com o preconceito produzido socialmente.



Figura 5 - Autorretrato e autoimagem do aluno GB  
Fonte: Arquivo pessoal

Para um aluno que adora desenhar, como é o caso de GB, os poucos traços e um colorido rabiscado, deixa transparecer o incomodo do estudante em se autorretratar na primeira imagem da figura 5. Em um outro momento, este estudante já havia relatado que não gostava de ser negro. Na autoimagem é notável que essa negação começa a tomar outras formas, já que somente o rosto não ganha coloração. Não é possível saber se o desenho está por terminar, mas fato é que o corpo já tem cor definida, o que demonstra que o aluno já consegue se identificar e se representar como tal, deixando claro que a conscientização, o empoderamento, faz dos sujeitos mais autônomos e críticos.

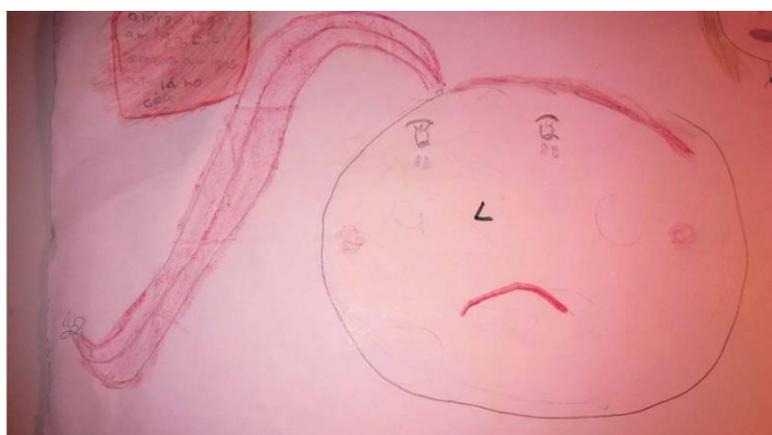


Figura 6 - Autorretrato e autoimagem da aluna EB  
Fonte: Arquivo pessoal

Nos desenhos da aluna EB não fica evidente a cor da pele e sim o sentimento que ela expressa. A aluna, vítima do sexismo da sociedade e fora abandonada pela mãe, sendo preterida ao irmão, no primeiro desenho se ilustra chorando e bastante triste. Já na autoimagem da segunda ilustração ela se representa cheia de atitude. Embora não esteja sorrindo, é possível perceber que a angústia deu lugar a determinação e coragem de enfrentar a realidade. Essa mudança foi perceptível em sala de aula. As variações de humor da estudante diminuíram, principalmente após a aluna ter ocupado o papel de oficinaira de dança.

#### 4.9 Os cartazes

Outro trabalho foram os cartazes (figura 7) (anexo 3) produzidos pelos alunos. Estes apresentam um texto claro, objetivo e espontâneo. Embora muitos possam parecer lugares-comuns, foram escritos com base nos discursos dos jovens, que foram sendo formulados nas discussões ocorridas ao longo do ano letivo. Junto a isso, as ilustrações a que relacionaram, umas talvez equivocadas ou imaturas, é possível perceber o desenvolvimento crítico frente às desigualdades de oportunidades promovidas pela questão racial ou pela não compreensão das desigualdades, dos preconceitos e das discriminações presentes no nosso cotidiano.



Figura 7 – Cartazes produzidos pelos alunos na oficina  
Fonte: Arquivo pessoal

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade em que está inserida a EMDJS é constituída, em sua maioria, por pessoas que Arroyo (2010) denominou como feitas desiguais, sejam pelas questões sociais, étnicas, ou de gênero. Por isso acreditamos que é importante discutir acerca da diversidade e da diferença.

Para tanto, a fim de se garantir um maior alcance de resultados, apropriar-se da cultura local, como mecanismo de alcance como é o exemplo do hip hop, talvez a mais próxima da faixa etária dos estudantes em questão, já que corresponde a seus anseios, e que traz como princípio a organização em grupo, a coletividade, buscando a construção de identidade, reconhecimento e formas de lutas.

A experiência de ter os próprios alunos como sujeitos do ensino está longe de ser uma metodologia inovadora, porém para os jovens da realidade apresentada, tanto para os alunosicineiros, como para os demais colegas, foi a possibilidade de se ver num lugar pouco comum aos seus pares. Essa experiência possibilitou que os jovens pudessem se ver ocupando quaisquer ambientes e posições seja profissional, seja pessoal. Além de construir sua identidade, individual ou coletiva além de possibilitar a conquista de direito. O que é possível perceber, seja nos depoimentos, seja nas imagens e textos por eles produzidos durante os trabalhos é que cumprimos o objetivo da metodologia proposta, que tinha como princípio o empoderamento de sujeitos, com o objetivo de fomentar formas de luta e conquistas, seja no ambiente escolar, seja na sociedade em que vivemos.

É possível perceber como o preconceito está arraigado na vivência dos alunos tendo como base os autorretratos produzidos em 2012. Porém, as autoimagens, produzidas após esse trabalho de intervenção, apresentaram profundas mudanças de representação, não sendo, portanto, simplesmente um aperfeiçoamento de técnicas, mas sim de termos a pretensão de achar que todas as questões foram vencidas, mesmo porque a resistência ocorre em ambientes hostis e a raiz do problema vai além do reconhecimento. Contudo fica a certeza de que a conscientização foi desenvolvida e fomentada, e que reconheceram as diversidades, e principalmente, as discriminações produzidas por quaisquer que sejam os preconceitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. Política educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n.113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n.100, p. 1105-1128, out. 2007.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da Justiça numa era “Pós-socialista”; trad. Júlio Assis Simões. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 14/15, p.231-239, 2006.

MESQUITA, Margareth Amoroso de. *Racionais Mcs: intrusos nos quintais das elites brasileiras*. Rio de Janeiro, 2011.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista com In: *Estudos Avançados*, São Paulo: IEA/USP,18(50, p.51-56, 2004.

NOVAES, Regina. Hip Hop: o que há de novo? In: *Perspectivas de Gênero: debates e questões para as ONGs*. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib / SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2002.

PÁDUA, Karla Cunha. RISÉRIO, Fátima Silva. (Orgs.) *O bairro Granja de Freitas: histórias narradas por antigos moradores*. CRV: Curitiba, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. BAZILLI, Chirley. SILVA, Paulo Vinícius Baptista. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan/jun, 2003.

WELLER, Wivian. O hip hop como possibilidade de inclusão e enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo. *Cadernos CRH*, Salvador, v.17, n.40, p. 103-116. jan/abr. 2004.

## REFERÊNCIAS CINEMOGRÁFICAS

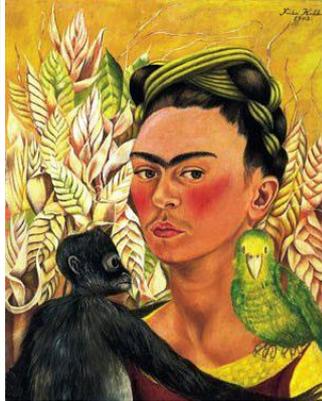
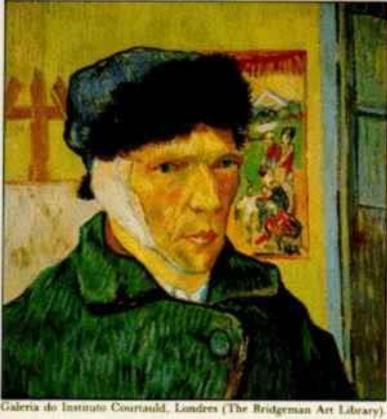
ELA danço, eu danço 1 (Step Up 1). Direção: Anne Fletcher. EUA: EUROPA FILMES, 2006. 1 DVD (108 min), son., color., legendado.

ELA danço, eu danço 2 (Step Up 2: The Streets). Direção: Jon M. Chu. EUA: DISNEY / BUENA VISTA, 2009. 1 DVD (98 min), son., color., legendado.

ELA danço, eu danço 3 (Step Up 3-D). Direção: Jon M. Chu. EUA: DISNEY / BUENA VISTA, 2010. 1 DVD (107 min), son., color., legendado.

ELA danço, eu danço 4 (Step Up Revolution). Direção: Scott Speer. EUA: UNIVERSAL PICTURES, 2012. 1 DVD (94 min), son., color., legendado.

## ANEXO 1 – Projeto Autorretrato



# *Autorretrato*



Van Gogh, Frida Kahlo, Rembrandt, Tarsila do Amaral, Van Gogh, Portinari, Picasso,..., Kleber de Moura, Cindy Sherman

Quem sou eu?

Como me pareço?

Como me represento em imagem?

Como quero que os outros me vejam?

Nossa! Que tanto de perguntas!

E essas são apenas algumas, das muitas perguntas que os artistas costumam se fazer ao pensar em realizar um autorretrato.

Mas o que é um autorretrato mesmo?

---

---

---

---

Ótimo. Depois dessa sua ilustre contribuição ao meu texto, vamos adiante, ou como diriam os italianos:

Andiamos...

A arte italiana inclusive tem uma grande importância na história da arte. Quem já ouviu falar de Leonardo da Vinci levanta o pé!

Ele foi um importante artista que há muito tempo atrás produziu obras de grande valor cultural. Numa época onde não existia a fotografia, o artista era responsável por registrar as imagens de lugares e pessoas. Da Vinci foi um dos primeiros a pintar retratos de pessoas reais como elas mesmas, sem que se passassem por santos ou deuses. Sabe a Mona Lisa?

Ele também pintou e desenhou alguns autorretratos, assim como seus colegas Michelângelo, Rafael, o que não por acaso são os mesmos nomes das Tartarugas Ninja, juntos com o Donatelo. O mestre Splinter se baseou no movimento artístico chamado Renascimento para batizar seus discípulos.

A longa história da Arte, nos mostra muitos exemplos de artistas que deixaram registradas suas imagens, do modo como queriam que elas ficassem registradas. Porque a principal pergunta que a maioria dos artistas buscava responder não era como me pareço? Mas sim, como eu quero me parecer?

E agora eu te pergunto:

- Como você quer se parecer? Como quer que as pessoas te vejam?

Sim! você mesmo. Seu nome é:

---

Faça um desenho com o material que você quiser, com as cores que desejar, sobre o tipo de papel, o tamanho, o formato que você escolher. Faça o seu retrato não mostrando como você é, mas mostrando como você quer que as pessoas te vejam. Para isso, nem vai precisar de um espelho. Sugiro que olhe para dentro de você e projete essa imagem no papel.

Vão bora!!! Faça seu desenho, eu te espero...

Depois, cole-o aqui.

Na lista dos artistas que mais fizeram autorretratos estão os nomes:

Vincent Van Gogh; Rembrandt; Egon Schiele; Frida Khalo; Pablo Picasso...

Van Gogh foi um pintor que nasceu na Holanda no dia 30 de março de 1853. Ele fez muitos autorretratos. Ao contrário dos artistas do Renascimento, ele gostava muito de se mostrar como era realmente. Desde a barba até a orelha. E também as coisas que sentia. Fazia isso com grossas camadas de tintas, muito coloridas, que aplicava com pincel direto na tela. E olhando-se ao espelho, claro! Conta a lenda que um dia, o Van Gogh, tentando pintar mais um de seus autorretratos e não conseguindo fazer direito sua própria orelha, arrancou-a para fora da cabeça pra que o retrato ficasse ainda mais parecido com ele. Mas por favor, não vá arrancar sua própria orelha!

Tem uma outra artista, contemporânea, chamada Cindy Sherman, ela nasceu nos Estados Unidos no dia 19 de janeiro de 1954 e ainda está viva, e agora inclusive deve estar trabalhando. Ela também faz muitos autorretratos, só que ela usa a fotografia. Ela se veste inteira, igualzinho uma daquelas pessoas de pinturas antigas e faz a mesma pose que a figura, sobre o mesmo fundo. Ela se mostra como se fosse outra pessoa. É muito legal também de fazer. Eu já fiz...

Bom, acho que é isso o que eu tenho para falar sobre autorretrato agora.

Espero que agente se encontre por aí.

Um abraço do seu amigo Kleber de Moura...

## ANEXO 2 – Letra dos RAP's

### Brasil Com P

Pesquisa publicada prova  
Preferencialmente preto  
Pobre prostituta pra polícia prender  
Pare pense por quê?  
Prossigo  
Pelos periferias praticam perversidades parceiros  
Pm's  
Pelos palanques políticos prometem prometem  
Pura palhaçada  
Proveito próprio  
Praias programas piscinas palmas  
Pra periferia  
Pânico pólvora pa pa pa  
Primeira página  
Preço pago  
Pescoço peitos pulmões perfurados  
Parece pouco  
Pedro Paulo  
Profissão pedreiro  
Passatempo predileto, pandeiro  
Pandeiro parceiro  
Preso portando pó passou pelos piores pesadelos  
Presídio porões problemas pessoais  
Psicológicos perdeu parceiros passado presente  
Pais parentes principais pertences  
Pc  
Político privilegiado preso  
parecia piada (3x)  
Pagou propina pro plantão policial  
Passou pelo porta principal  
Posso parecer psicopata  
Pivô pra perseguição  
Prevejo populares portando pistolas  
Pronunciando palavrões  
Promotores públicos pedindo prisões  
Pecado!  
Pena prisão perpétua  
Palavras pronunciadas  
Pelo poeta Periferia  
Pelo presente pronunciamento pedimos punição para peixes pequenos poderosos  
pesos pesados  
Pedimos principalmente paixão pela pátria prostituída pelos portugueses  
Prevenimos!  
Posição parcial poderá provocar  
protesto paralisações piquetes

pressão popular  
Preocupados?  
Promovemos passeatas pacificas  
Palestra panfletamos  
Passamos perseguições  
Perigos por praças palcos  
Protestávamos por que privatizaram portos pedágios  
Proibido!  
Policiais petulantes pressionavam  
Pancadas pauladas pontapés  
Pangarés pisoteando postulavam premios  
Pura pilantragem !  
Padres pastores promoveram procissões pedindo piedade paciência Pra população  
Parábolas profecias prometiam pétalas paraíso  
Predominou o predador  
Paramos pensamos profundamente  
Por que pobre pesa plástico papel papelão pelo pingado pela passagem pelo pão?  
Por que proliferam pragas pelo pais?  
Por que presidente por que?  
Predominou o predador  
Por que? (3x)

Disponível em <http://letras.mus.br/gog/317599/> em 29/02/2015.

## **Periferia É Periferia**

### Racionais MC's

Esse lugar é um pesadelo periférico  
Fica no pico numérico de população  
De dia a pivetada a caminho da escola  
A noite vão dormir enquanto os manos "decola"  
Na farinha... hã! Na pedra... hã!  
Usando droga de monte, que merda, hã!  
Eu sinto pena da família desses cara  
Eu sinto pena, ele quer mais, ele não pára  
Um exemplo muito ruim pros moleque  
Pra começar é rapidinho e não tem breque  
Herdeiro de mais alguma Dona Maria  
Cuidado senhora, tome as rédias da sua cria  
Porque chefe da casa trabalha e nunca está  
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar  
O trabalho ocupa todo o seu tempo  
Hora extra é necessário pro alimento  
Uns reais a mais no salário  
Esmola de patrão cuzão milionário

Ser escravo do dinheiro é isso, fulano  
Trezentos e sessenta e cinco dias por ano sem plano  
Se a escravidão acabar pra você  
Vai viver de quem? Vai viver de quê?  
O sistema manipula sem ninguém saber  
A lavagem cerebral te fez esquecer que andar com as próprias pernas não é difícil  
Mais fácil se entregar, se omitir  
Nas ruas áridas da selva  
Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra

Aqui a visão já não é tão bela...  
Não existe outro lugar...  
Periferia...Gente pobre...

Aqui a visão já não é tão bela...  
Não existe outro lugar...  
Periferia é periferia...

Aqui a visão já não é tão bela...  
Não existe outro lugar...  
Periferia...Gente pobre...

Aqui a visão já não é tão bela...  
Não existe outro lugar...  
Periferia é periferia...

Um mano me disse que quando chegou aqui  
Tudo era mato e só se lembra de tiro aí  
Outro maluco disse que ainda é embaçado  
Quem não morreu, tá preso sossegado  
Quem se casou quer criar o seu pivete ou não  
Cachimbar e ficar doido igual moleque, então  
A covardia dobra a esquina e mora ali  
Lei do cão, lei da selva... hã... hora de subir  
(Mano, que treta, mano! Mó treta, você viu? Roubaram o dinheiro daquele tio!)  
Que se esforça sol a sol, sem descansar  
Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar  
É uma pena, um mês inteiro de trabalho  
Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!  
O ódio toma conta de um trabalhador  
Escravo urbano, um simples nordestino  
Comprou uma arma pra se auto-defender  
Quer encontrar o vagabundo desta vez não vai ter... "boi"  
Não vai ter "boi" (Qual que foi?)

Não vai ter... "boi" (Qual que foi?)  
A revolta deixa o homem de paz imprevisível  
E sangue no olho, impiedoso e muito mais  
Com sede de vingança e previnido  
Com ferro na cinta, acorda na... madrugada de quinta.  
Um pilantra andando no quintal.  
Tentando, roubando as roupas do varal.  
Olha só como é o destino, inevitável  
O fim de vagabundo, é lamentável  
Aquele puto que roubou ele outro dia  
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia  
Dezenove anos jogados fora!  
É foda, essa noite chove muito porque Deus chora

Muita pobreza, estoura a violência...  
Nossa raça está morrendo mais cedo...  
Não me diga que está tudo bem...

Muita pobreza, estoura a violência...  
Nossa raça está morrendo mais cedo...  
Não me diga que está tudo bem...

Muita pobreza, estoura a violência...  
Nossa raça está morrendo mais cedo...  
Não me diga que está tudo bem...

Muita pobreza, estoura a violência...  
Nossa raça está morrendo mais cedo...

Veveve... verdade seja dita...

Vi só de alguns anos pra cá, pode acreditar  
Já foi bastante pra me preocupar com meus filhos  
Periferia é tudo igual  
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal  
Ultimamente andam os doidos pela rua  
Louco na fissura, te estranham na loucura  
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano  
Roubar é mais fácil que tramar, mano  
É complicado, o vício tem dois lados  
Depende disso ou daquilo ou não tá tudo errado  
Eu não vou ficar do lado de ninguém por quê?  
Quem vende droga pra quem? Hã  
Vem pra cá de avião, pelo porto ou cais

Não conheço pobre dono de aeroporto e mais  
Fico triste por saber e ver  
Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você

Periferia é periferia... Que horas são, não sei responder...  
Periferia é periferia... Milhares de casas amontoadas...  
Periferia é periferia... Vacilou, ficou pequeno pode acreditar...  
Periferia é periferia... Em qualquer lugar... Gente pobre...

Periferia é periferia... Vários botecos abertos, várias escolas vazias...  
Periferia é periferia... E a maioria por aqui se parece comigo...  
Periferia é periferia... Mães chorando, irmãos se matando, até quando...  
Periferia é periferia... Em qualquer lugar.... Gente pobre....

Periferia é periferia... Aqui meu irmão é cada um por si...  
Periferia é periferia... Molecada sem futuro eu já consigo ver...  
Periferia é periferia... Aliados drogados...  
Periferia é periferia... Em qualquer lugar.... Gente pobre....

Periferia é periferia... Deixe o crack de lado, escute meu recado... cado... cado...

Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/rationais-mcs/periferia-e-periferia.html#ixzz3TSvVZspl> em 23/09/2015.

## **Homem Na Estrada**

### Racionais Mc's

Um homem na estrada recomeça sua vida.  
Sua finalidade: a sua liberdade.  
Que foi perdida, subtraída;  
e quer provar a si mesmo que realmente mudou,  
que se recuperou e quer viver em paz, não olhar  
para trás, dizer ao crime: nunca mais!  
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.  
Na Febem, lembranças dolorosas, então.  
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim.  
Muitos morreram sim, sonhando alto assim,  
me digam quem é feliz,  
quem não se desespera, vendo  
nascer seu filho no berço da miséria.  
Um lugar onde só tinham como atração,  
o bar e o candomblé pra se tomar a benção.  
Esse é o palco da história que por mim será contada.

...um homem na estrada.

Equilibrado num barranco um cômodo mal acabado e sujo,  
porém, seu único lar, seu bem e seu  
refúgio.

Um cheiro horrível de esgoto no quintal,  
por cima ou por baixo, se chover será fatal.  
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou.  
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou.  
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas.  
Logo depois esqueceram, filha da puta!  
Acharam uma mina morta e estuprada,  
deviam estar com muita raiva.

"Mano, quanta paulada!".

Estava irreconhecível, o rosto desfigurado.

Deu meia noite e o corpo ainda estava lá,  
coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado.

O IML estava só dez horas atrasado.

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim,  
quero que meu filho nem se lembre daqui,  
tenha uma vida segura.

Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura  
e uma "PT" na cabeça.

E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa  
o que fazer para sair dessa situação.

Desempregado então.

Com má reputação.

Viveu na detenção.

Ninguém confia não.

...e a vida desse homem para sempre foi danificada.

Um homem na estrada...

Um homem na estrada..

Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual.

Calor insuportável, 28 graus.

Faltou água, já é rotina, monotonia, não tem prazo pra voltar, hã!  
já fazem cinco dias.

São dez horas, a rua está agitada,  
uma ambulância foi chamada com extrema urgência.

Loucura, violência exagerado.

Estourou a própria mãe, estava embriagado.

Mas bem antes da ressaca ele foi julgado.

Arrastado pela rua o pobre do elemento,  
o inevitável linchamento, imaginem só!  
Ele ficou bem feio, não tiveram dó.  
Os ricos fazem campanha contra as drogas  
e falam sobre o poder destrutivo dela.  
Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro  
com o álcool que é vendido na favela.

Empapuçado ele sai, vai dar um rolê.  
Não acredita no que vê, não daquela maneira,  
crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo seu café da manhã na lateral da  
feira,  
Molecada sem futuro, eu já consigo ver, só vão na escola pra comer,  
Apenas nada mais, como é que vão aprender sem incentivo de alguém, sem orgulho  
e sem respeito,  
sem saúde e sem paz.  
Um mano meu tava ganhando um dinheiro,  
tinha comprado um carro,  
até rolex tinha!  
Foi fuzilado a queima roupa no colégio, abastecendo a playboyzada de farinha,  
Ficou famoso, virou notícia, rendeu dinheiro aos jornais, ham!, cartaz à policia  
Vinte anos de idade, alcançou os primeiros lugares... super-star do notícias  
populares!  
Uma semana depois chegou o crack, gente rica por trás, diretoria.  
Aqui, periferia, miséria de sobra.  
Um salário por dia garante a mão-de-obra.  
A clientela tem grana e compra bem, tudo em casa, costa quente de sócio.  
A playboyzada muito louca até os ossos!  
Vender droga por aqui, grande negócio.  
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim,  
Quero um futuro melhor, não quero morrer assim,  
num necrotério qualquer, um indigente, sem nome e sem nada,  
o homem na estrada.

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas,  
logo acusaram favela para variar,  
E o boato que corre é que esse homem está, com o seu nome lá na lista dos  
suspeitos,  
pregada na parede do bar.

A noite chega e o clima estranho no ar,  
e ele sem desconfiar de nada, vai dormir tranqüilamente,  
mas na calada caguentaram seus antecedentes,  
como se fosse uma doença incurável, no seu braço a tatuagem, DVC, uma

passagem, 157 na lei...  
No seu lado não tem mais ninguém.

A Justiça Criminal é implacável.  
Tiram sua liberdade, família e moral.  
Mesmo longe do sistema carcerário, te chamarão para sempre de ex presidiário.  
Não confio na polícia, raça do caralho.  
Se eles me acham baleado na calçada, chutam minha cara e cospem em mim é..  
eu sangraria até a morte...  
Já era, um abraço!  
Por isso a minha segurança eu mesmo faço.

É madrugada, parece estar tudo normal.  
Mas esse homem desperta, pressentindo o mal, muito cachorro latindo.  
Ele acorda ouvindo barulho de carro e passos no quintal.  
A vizinhança está calada e insegura, premeditando o final que já conhecem bem.  
Na madrugada da favela não existem leis, talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez.  
Vão invadir o seu barraco, é a polícia!  
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia, filhos da puta, comedores de carniça!  
Já deram minha sentença e eu nem tava na "treta", não são poucos e já vieram muito loucos.  
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem, quinze caras lá fora, diversos calibres, e eu apenas com uma "treze tiros" automática.  
Sou eu mesmo e eu, meu deus e o meu orixá.  
No primeiro barulho, eu vou atirar.  
Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém, e o que eles querem: mais um "pretinho" na febem.  
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim, a gente sonha a vida inteira e só acorda no fim, minha verdade  
foi outra, não dá mais tempo pra nada... bang! bang! bang!

Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do  
M'Boi Mirim sem número.  
Tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais.  
Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal."

Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/rationais-mcs/homem-na-estrada.html#ixzz3TSurrXgO> em 24/02/2015.

**ANEXO 3 - Cartazes produzidos pelos alunos na oficina**

